

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Laís Elena Vieira

O Estadinho: Um jornal para crianças

(1984 -1987)

Novembro
2014

Laís Elena Vieira

O Estadinho: Um jornal para crianças

(1984 -1987)

Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia
da Universidade Federal de Santa Catarina –
UFSC. Sob orientação do Prof. Dr. Alexandre
Fernandez Vaz.

**Novembro
2014**

Laís Elena Vieira

O Estadinho: Um jornal para crianças

(1984 -1987)

Este Trabalho de Conclusão de curso foi julgado e aprovado em sua forma obtendo nota
10,0.

Florianópolis, 20 de novembro de 2014.

Prof^a. Dr^a. Clarícia Otto,
Coordenadora do Curso
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz,
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Gilka E. P. Girardello
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Ana Cristina Richter
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Me. Luciana Mara Espíndola Santos
Universidade do Estado de Santa Catarina

Agradecimentos

Serei sempre grata de todo coração àqueles que estiveram presentes, de perto ou de longe. Aos que fizeram parte de minha vida nos últimos quatro anos e meio tornando esta jornada senão mais fácil, pelo menos muito mais agradável.

Agradeço aos professores. Não a todos, mas àqueles marcantes, que além de compartilhar seus preciosos saberes, inspiraram-me e fizeram-me ter certeza de que é esta profissão que eu realmente quero pra toda vida.

Ao Centro Acadêmico Livre de Pedagogia, que me serviu tanto de aprendizado, formação, crescimento, como de conforto nas horas difíceis, com a amizade de tanta gente sonhadora e determinada.

Ao professor Alexandre Vaz, por me iniciar na arte de pesquisar e nunca duvidar da minha capacidade.

VERBO SER

Que vai ser quando crescer?

Vivem perguntando em redor. Que é ser?

É ter um corpo, um jeito, um nome?

Tenho os três. E sou?

Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?

Ou a gente só principia a ser quando cresce?

É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?

Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?

Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.

Que vou ser quando crescer?

Sou obrigado a? Posso escolher?

Não dá para entender. Não vou ser.

Vou crescer assim mesmo.

Sem ser Esquecer.

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso procura analisar elementos da concepção de infância no suplemento infantil O Estadinho, do jornal O Estado, entre 1984 e 1987. Considerando os textos editoriais d'O Estadinho, observamos que o suplemento infantil durante esta fase teve uma abordagem singular à infância, considerando a criança como um sujeito de direitos plenamente capaz de agir e pensar, além de interferir no meio em que vive. O trabalho de análise foi feito a partir de quatro categorias: Infância não infantilizada, Resistência ao mundo adulto, O jornal como brinquedo e A Criança e a cidade. Constatamos que o suplemento servia para as crianças como brinquedo além de se estabelecer como uma comunicação entre a criança e a comunidade, conversando com elas com seriedade e abordando temas que geralmente lhes eram – e em certa medida ainda são – vetados, como atualidades, cultura, política, meio ambiente etc. Além disso, o suplemento faz uma crítica ao mundo adulto, sugerindo que a criança muitas vezes é oprimida pelos adultos e pela sociedade em geral. Dessa forma, O Estadinho se coloca como um espaço de resistência e de valorização da infância e do direito da criança em agir, pensar e se expressar.

Palavras-chave: Infância; Imprensa; Florianópolis; Anos 1980; Benjamin, Walter.

SUMÁRIO

1 – O ESTADINHO	9
2 – O JORNAL COMO BRINQUEDO	16
3 – INFÂNCIA NÃO INFANTILIZADA	18
4 – CRÍTICA AO MUNDO ADULTO.....	20
5 – A CRIANÇA E SUA CIDADE.....	26
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
7 – REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO¹

Este trabalho surgiu da pesquisa de Iniciação Científica realizada no Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC), orientada pelo professor Alexandre Vaz e desenvolvida em parceria com a colega Gabriela Acerbi Pereira.

Iniciada em agosto de 2013, a pesquisa tem analisado O Estadinho, suplemento infantil do jornal O Estado, publicado de maio 1972 até o fim dos anos 1980, em Santa Catarina. Este Trabalho de Conclusão de Curso pretende fazer algumas reflexões acerca da concepção de infância que esse suplemento expressou em suas edições no período entre 1984 e 1987.

Os suplementos infantis existem nos grandes jornais do Brasil desde o início do século XX, mas pouco estudo tem sido dedicado a estas produções destinadas às crianças. Atualmente o suplemento O Estadinho é também pesquisado por Luciana Mara Espíndola dos Santos, no Programa de Pós-graduação Doutorado em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com a qual tivemos o prazer de compartilhar informações e materiais. Destaque-se, neste sentido, seus pioneiros trabalhos (SANTOS, 2014a, 2014b).

Durante a busca de documentos para a pesquisa, enfrentamos muitas dificuldades no acesso a materiais de O Estadinho. Depois de várias incursões ao acervo da Biblioteca Pública do Estado, encontramos muito poucas edições do suplemento, embora a coleção do jornal O Estado pareça estar completa. Em vista dessa dificuldade, e procurando ampliar o acervo documental da pesquisa, decidimos procurar as pessoas que colaboraram com o suplemento. Os que nos receberam ofereceram depoimentos em entrevistas e acesso aos seus arquivos pessoais.

¹ O trabalho foi realizado com apoio de uma bolsa de iniciação científica (quota orientador) oferecida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), nos marcos do financiamento ao Programa de Pesquisas Teoria Crítica, Racionalidades e Educação (III e IV). Do mesmo projeto derivam uma bolsa de produtividade em pesquisa e outra de apoio técnico à pesquisa, importantes para a construção da pesquisa que dá origem a este texto.

As entrevistas foram essenciais para remontar o contexto e a história do Estadinho. Mas para a análise do suplemento, nos limites deste trabalho, dedicamo-nos especialmente aos textos dos editoriais das edições do período proposto, bem como a alguns conteúdos do suplemento que foram selecionados a partir de indicações dos próprios editoriais. Privilegiamos os editoriais porque é neste espaço em que a redação do jornal geralmente expressa clara e diretamente algumas de suas ideias e, ainda, onde discorre brevemente sobre os principais temas da edição. Para a pesquisa foram analisados quarenta e sete editoriais.

Para desenvolver o trabalho, criamos algumas categorias que organizaram a análise do material e a apresentação dos resultados. São elas: Infância não infantilizada, Resistência ao mundo adulto, A criança e a cidade e O Jornal como brinquedo. Para cada uma delas foi desenvolvido um capítulo, e a conclusão deste trabalho pretende fazer uma breve interlocução entre esses temas, construindo uma hipótese acerca da concepção de infância do suplemento infantil durante o período estudado.

1 – O ESTADINHO²

O principal jornal de Santa Catarina por muito tempo foi O Estado. Fundado em 1915, era a principal fonte de informação dos catarinenses até meados dos anos 1980, quando a concorrência do então recente Diário Catarinense, publicado pela Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS), pouco a pouco se estabeleceu, gerando uma longa crise que levou à decadência do antigo jornal que, depois de muitos percalços, finalmente encerrou suas atividades em 2009 (BUDDE, 2013).

Em 1972 o jornal O Estado começou a publicar semanalmente, aos domingos, um suplemento infantil chamado O Estadinho. Inicialmente, o suplemento contava com aproximadamente quatro páginas dedicadas às crianças. Nelas havia jogos e atividades,

² Para remontar a história do Estadinho contamos com o relato dos colaboradores do suplemento. Sendo assim, grande parte destas informações faz parte das memórias que nos foram contadas.

histórias em quadrinhos, geralmente de autoria de Maurício de Souza, algumas histórias ou contos literários assinados por autores regionais, como Maria de Lourdes Krieger, histórinhas enviadas por leitores, uma ou outra coluna abordando conteúdos escolares, dicas de saúde e higiene, e ainda uma sessão de fotos de crianças. Esta última, que permaneceu ao longo de toda história do Estadinho, era uma espécie de coluna social infantil, os pais enviavam cartas à redação do jornal pedindo que publicassem as fotos de seus filhos. Não conseguimos informações exatas a respeito do fim d'O Estadinho, mas a última edição a que tivemos acesso é a do mês de abril de 1987.



Figura 1 – Capa da edição de 16 de abril de 1975 (Acervo Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).

O Estadinho contou com vários editores e colaboradores ao longo de sua existência. Por este motivo, pode-se dizer que o suplemento infantil teve várias fases, e em cada uma delas observa-se características e abordagens diferentes. Este trabalho dedica-se, como já assinalado, ao período entre 1984 e 1987.

O período escolhido é um intervalo de três anos em que um grupo de jovens estudantes e atuantes da cena cultural da cidade de Florianópolis assumiu a redação do Estadinho, modificando radicalmente os temas tratados, a estética, a linguagem e, em especial, a abordagem sobre a infância. Com essa mudança, O Estadinho seguia publicando material de entretenimento, mas com melhor qualidade, e reforçou os conteúdos informativos e de formação de opinião.

Segundo a entrevista de Marisa Napolini (2013), em 1983 O Estadinho passou a ser financiado pela Liga de Apoio ao Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (LADESC) como parte da política estadual do governo de Espiridião Amin, que tinha um grande projeto dedicado a vários temas acerca da infância, o Pró-Criança³. Este financiamento possivelmente cobria as despesas que o jornal O Estado tinha para a impressão do suplemento.

Napolini, então estudante de jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), teve seu primeiro contato com o Estadinho por meio de seu pai, que foi um dos idealizadores do projeto Pró-Criança. Reuniu então um grupo de interessados em dedicar uma parte de seu tempo a produzir o suplemento infantil com pouca ou nenhuma remuneração. Nesta época os principais editores e colaboradores do Estadinho foram a própria Marisa Napolini, além de Aldy Maingué, Mauro Faccioni Filho, Fábio Brüggemann, Ênio Padilha Filho, Jéferson (Fifo) Lima, Fábio Veiga e Heron Domingues.

Aldy Maingué e Fifo Lima alugavam uma pequena sala no centro da cidade de Florianópolis para outros propósitos profissionais (MAINGUÉ, 2014), mas que acabou se tornando a redação do Estadinho durante aquela época. Todo o grupo se reunia pelo menos uma vez por semana para discutir e preparar os materiais, que seriam encaminhados diretamente à gráfica do jornal O Estado. Eles não dispunham de muitos recursos, e mesmo a sede do jornal não contava com tecnologia muito avançada. Geralmente os textos eram produzidos em máquinas de escrever e os desenhos feitos à

³ O Pró-Criança foi um projeto governamental implementado na década de 1980 pelo Governo do Estado de Santa Catarina (1982-1986) e, segundo Rodrigues (2001), apesar de seu caráter assistencialista, tinha por objetivo propor medidas para sanar as necessidades mais elementares do ser humano, especificamente das crianças catarinenses de 0 a 6 anos das periferias rurais e urbanas.

mão. Além disso, não se coloria os desenhos, mas manualmente com canetas pretas, indicava-se qual cor gostariam que a gráfica colocasse ali. Enviavam tudo para o jornal e a expectativa, nem sempre cumprida, era que fosse publicado exatamente como pediam.

Os colaboradores relatam que produzir um jornal, mesmo que apenas um suplemento, longe da sede e com tão poucos recursos, era um desafio. Porém, isto também propiciava certa independência e autonomia, essenciais para a significativa mudança na forma de lidar com o público infantil. Esta transformação pode ser notada facilmente não só na aparência, mas também na linguagem utilizada. Anteriormente a este período, O Estadinho se apresentava como uma miniatura do grande jornal. Eram utilizados os mesmos padrões estéticos de O Estado, e a linguagem, apesar de um pouco mais didática, ainda se apresentava bastante formal. Além disso, por falta de recursos ou não, o suplemento infantil era todo em preto e branco.



Figura 2 – Edição de 01 de dezembro de 1974 (Acervo Biblioteca Pública do Estado).

Esta nova geração de editores do Estadinho se preocupava em escrever de uma forma que as crianças entendessem de forma mais extensa os conteúdos do suplemento e o que eles expressavam. Sem infantilizá-las, empregavam uma linguagem menos formal

e mais próxima da realidade de seus leitores. Começaram também a publicar o Estadinho, sempre que possível, com cores para além do branco e preto (e da escala de cinza), pelo menos na capa e nas matérias principais, valorizando as ilustrações e caracterizando-o mais ainda como um suplemento infantil, diferente do jornal que era lido pelos adultos. Além disso, procuravam escrever sobre temas que eram do interesse das crianças e a respeito de assuntos a que, na opinião dos redatores, seriam importantes que as crianças tivessem acesso, como questões e problemas do cotidiano e da sociedade, por exemplo, a poluição e preservação da natureza na cidade, entre outros.



Figura 3 – Capa da edição de 22 de setembro de 1985 (Acervo Pessoal Aldy Maingué).

O Estadinho, nesse período, tinha seções e colunas fixas, bem como séries, que eram sequências de reportagens sobre algum tema, além de outros tópicos esporádicos. Inicialmente com seis páginas, ganhou mais espaço ao longo do tempo, chegando a ter oito em 1986. As seções principais que permaneceram ao longo destes três anos foram o editorial, que primeiramente se chamou “Coxixo”, mudando mais tarde para “Bate Boca”, o espaço chamado “Olha o Passarinho”, em que se exibiam fotos das crianças leitoras de O Estadinho ou de filhos de leitores do jornal O Estado, uma seção de cartas onde se publicava e respondia parte da correspondência recebida dos leitores, uma pequena coluna sobre saúde, a agenda cultural que listava a programação de atrações infantis na cidade ou no estado, além de um grande espaço para jogos como cruzadinhas, sete erros e outras atividades dessa natureza, além de textos, desenhos, quadrinhos e outras produções dos próprios leitores. A página central era sempre dedicada ao tema principal da edição.

As mudanças na forma em que O Estadinho se apresentava aconteceram gradualmente. Em 1984 Marisa Napolini já colaborava com o suplemento com uma seção chamada “À caça de aventuras”, em que ela e mais um colaborador narravam a busca por reportagens de dois jornalistas, os focas⁴ Pito e Lau, que procuravam fazer crítica de teatro e de outras atrações infantis na cidade de Florianópolis. Mas podemos dizer que a grande transformação aconteceu mais pontualmente a partir de 30 de junho de 1985, quando a nova equipe assumiu a redação do suplemento. Esta data também marca o primeiro texto editorial do Estadinho.

Os editoriais analisados eram, inicialmente, assinados por Marisa Napolini e Aldy Maingué. Mais adiante, Marisa saiu da equipe e, a partir de 5 de janeiro de 1986, eles passaram a ser escritos por Aldy em parceria com Fábio Brüggemann. A última publicação produzida por esta equipe de editores, dentre o material que conseguimos coletar, data de 27 de abril de 1986. Em 21 de setembro do mesmo ano, O Estadinho reaparece depois de algum tempo sem ser publicado, e agora seu editorial é assinado apenas por Fábio Brüggemann. Segundo relato dos colaboradores, neste período, Brüggemann, que

⁴ Foca é um termo utilizado para se referir aos jornalistas que estão no início de suas carreiras, geralmente, novatos na profissão e sem muita experiência na área (VOMERO, 1998).

trabalhava no suplemento de cultura do jornal O Estado, decide retomar a produção do Estadinho nos moldes em que anteriormente idealizara com seus colegas, contando agora com muito mais materiais e recursos, mas ainda seguindo a mesma abordagem sobre a infância. Brüggemann contava na sua equipe com os diagramadores e artefinalistas Fábio Veiga e Heron Domingues. Produzir o Estadinho de dentro da sede do jornal O Estado garantiu um avanço considerável na qualidade do suplemento. Sua aparência agora era menos artesanal, com mais cores e fotos, e já não havia tantos erros de impressão, resultado do acesso a mais recursos gráficos.



Figura 4 – Capa de 19 de abril de 1987 (acervo pessoal Aldy Maingué)

Dessa forma, passando por várias transformações ao longo do tempo, o Estadinho se consolidou como um dos únicos materiais impressos para as crianças da época na região, colocando-se não só como material de leitura, mas também como brinquedo, tema que será tratado a seguir.

2 – O JORNAL COMO BRINQUEDO

Segundo Walter Benjamin (1994a), foi principalmente a partir do século XIX que, como resultado da industrialização e do desenvolvimento da sociedade moderna, a criança passa a ser reconhecida em sua especificidade e ganha o direito de ter suas próprias coisas: seu próprio quarto, seus livros e seus brinquedos, fazendo com que este último deixasse de ser um subproduto de outras atividades, passando a ser resultado de uma indústria própria.

O desenvolvimento de uma sociedade moderna se deu tardiamente no Brasil, a partir da década de 1930, quando aos poucos o governo de Getúlio Vargas iniciou a transição de um país essencialmente agrário para industrial (OLIVEN, 2001). Em Santa Catarina, especificamente em Florianópolis, esta modernização ganha um de seus impulsos de maneira mais tardia, nos anos 1970, sendo marcas desse movimento a consolidação da UFSC no campus da Trindade, a construção do Aterro da Baía Sul, e a chegada das Centrais Elétricas do Sul, a Eletrosul (BUDDE, 2013).

Se a criança ganha algum espaço e têm o direito de ter suas próprias coisas, porque não o seu próprio jornal? Com o desenvolvimento da sociedade industrial, a criança é reconhecida como consumidora de produtos, cultura e, agora, também de informação. Grandes jornais do país, como O Estado de São Paulo (Estadão), Folha de São Paulo e O Globo, já apresentavam suplementos infantis. O jornal O Estado segue esta tendência e em 1972, como já assinalado, começa a publicar O Estadinho.

Nos exemplares anteriores a 1984 observamos que os conteúdos do Estadinho eram em sua maioria apenas entretenimento para as crianças. Com exceção das colunas formativas, como saúde e matérias escolares, quase todo o suplemento era composto por atividades, brincadeiras, histórias ou quadrinhos. Segundo depoimento do César Valente (2013), que chegou a ser editor chefe do jornal O Estado no fim da década de 1980, o jornal de domingo era grande e feito para ser lido com calma. Portanto, prossegue, O Estadinho poderia estar ali para distrair as crianças enquanto seus pais liam o periódico.

Muitas vezes as brincadeiras infantis partem da representação que as crianças fazem do mundo em que estão inseridas. Nessa época, o jornal era o meio de comunicação mais popular, portanto, a cena dos pais lendo jornal era provavelmente comum na vida das crianças, pelo menos no interior de famílias em que a cultura letrada tinha algum espaço. Porém, esta era uma atividade exclusiva dos adultos, então, é possível imaginar o desejo das crianças em terem acesso àquele material. A partir do momento em que existe um suplemento infantil, elas podiam realizar este desejo.

Por mais que o suplemento infantil tivesse propósitos de entretenimento ou formação, o uso que a criança fazia dele podia não ser aquele intencionado pelos adultos. Segundo Vygotsky (1998) e Benjamin (1994b) a criança age com senhorio sobre o brinquedo, não se deixando levar inteiramente pelo que o objeto dita a fazer. O jornal “pede” para ser lido, mas a criança pode resignificá-lo e utilizá-lo de outras formas. Os próprios editores do Estadinho reconheciam isso, e indicavam que as crianças não deveriam apenas ler o suplemento, mas aproveitá-lo de outras formas também, como propõe o editorial de 29 de setembro de 1985:

Aproveitando estes dias lindos e cheios de sol que já estão pintando, você pode começar a levar o seu Estadinho pra ler na praia, botar na cabeça pra não pegar muito sol, dobrar e usar como pazinha pra construir castelo na areia. Enfim, há milhões de uso pro seu Estadinho, já pensou nisso? Depois de ler, fazer e colorir, você pode guardar para sempre, mas também pode transformá-lo em outras coisas. Só não vá usá-lo como lixo pra sujar a praia, falô? (Trecho do editorial de 29 de setembro de 1985).

Para Benjamin (1994a), o brinquedo é um mediador do diálogo da criança com o povo. Como será visto nos capítulos seguintes, O Estadinho em vários momentos se propõe a cumprir este papel de intermediário entre a criança a sociedade em que ela está inserida. Na medida em que O Estadinho oferece temas e reportagens sobre o cotidiano da vida na cidade de Florianópolis e nas demais regiões do estado, e se preocupa em ouvir o que seus leitores pensam a respeito, ele se estabelece como um canal de comunicação entre a criança e a comunidade.

O Estadinho não era um brinquedo para ser apenas lido. A criança podia brincar ao passo que realizava as atividades propostas nas seções de jogos, enquanto criava desenhos, poemas e reportagens para enviar para a redação, colorindo as ilustrações, ou simplesmente utilizando-o de outras formas, de acordo com as situações imaginárias criadas por ela mesma. O suplemento tratou a brincadeira com tal seriedade que propôs encarar a infância de forma a não menosprezar as crianças ou a forma infantil com que elas observam o mundo.

3 – INFÂNCIA NÃO INFANTILIZADA

Logo nas primeiras edições produzidas no período é possível perceber um esforço em estabelecer uma relação afetiva entre o jornal e as crianças. Frequentemente, nos editoriais, procurava-se uma conversa íntima com o leitor, propondo um vínculo de amizade, como se observa no trecho a seguir:

Cá estamos nós de novo: nós e vocês. Já estavam morrendo de saudade? Mas não se afobem, não. O Estadinho já está de volta para você curtir de novo. E com novidades. (Trecho do editorial da edição de 07 de julho 1985).

Esta tentativa em criar uma relação estreita com o leitor sugere a forma como os editores do Estadinho buscavam se aproximar das crianças. Pode-se dizer que a “amizade” entre o leitor e o jornal se consolidava quando as crianças mandavam cartas dando um retorno sobre cada edição publicada. A maioria dos colaboradores relata que o recebimento de correspondências era, de fato, maior a cada dia.

A partir da conversa estabelecida entre o leitor e o Estadinho, os editores tentavam apreender quais eram os interesses das crianças. Havia uma grande preocupação em falar sobre coisas que se supunha relevantes para elas. Em quase todos os editoriais há perguntas sobre o que elas gostariam de ver publicado no jornal, e pedidos de sugestões de temas a serem trabalhados.

Se para as crianças deveriam criar um conteúdo específico, é possível a partir disto, afirmar que os editores do Estadinho tinham uma compreensão de que a infância é uma etapa singular da vida. Que seus interesses e necessidades são substancialmente diferentes das inquietudes dos adultos, e que mereciam ser contemplados ali. Mas apesar do reconhecimento de que a infância deva ser preservada e vivida em sua integridade, ela não deve ser isolada do mundo adulto. Nas palavras de Benjamin (1994a, p. 247), “a criança não é nenhum Robinson, as crianças não constituem nenhuma comunidade separada, mas são partes de povo e da classe a que pertencem.” Apesar de produzir conteúdo específico para a infância, em nenhum momento as publicações sugeriram qualquer infantilização das crianças. Muito pelo contrário. O Estadinho parece levar a sério a máxima de Kant (s.d.), que no século dezoito falava da autonomia como característica fundamental da condição humana. Não se tratava, no entanto, de uma condição “natural”, mas algo a ser alcançado com a coragem de guiar-se por si mesmo, agir orientado pelo próprio entendimento. Sendo assim, as crianças, como sujeito de direitos, devem ter acesso ao esclarecimento.

Uma das questões que mais chamou atenção durante a pesquisa foi notar a importância que O Estadinho atribuía para a opinião das crianças e a valorização das criações de seus leitores. Os editores sempre se preocupavam em perguntar para as crianças o que elas pensavam sobre os assuntos publicados. Além disso, cada vez mais o conteúdo do Estadinho era composto por produções das crianças. Fossem histórias ou quadrinhos enviados, reportagens inteiras feitas por elas, ou respostas de cartas e perguntas enviadas. Algumas crianças tinham a participação tão ativa que suas produções são encontradas em várias edições, como o caso do menino chamado Fábio, que criou um personagem que apareceu várias vezes no Estadinho.

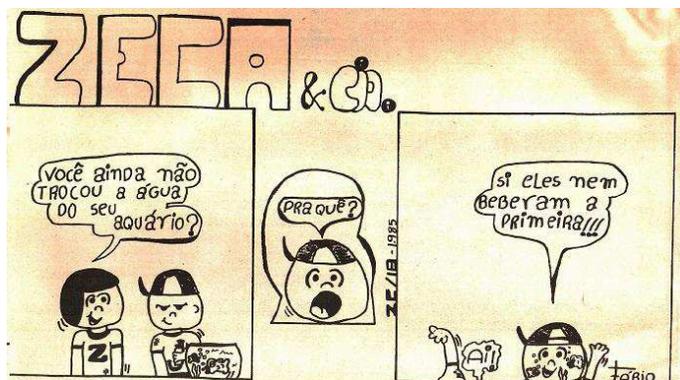


Figura 5 – Tirinha enviada por leitor na edição de 11 de agosto de 1985 (Acervo pessoal Aldy Maingué).

O Estadinho publicava criações de seus leitores desde seu início, na década anterior. Um exemplo disso é o personagem Araújo, criado por Clóvis Medeiros, leitor do suplemento, que procurou a redação do jornal porque queria que seu material fosse publicado e, com sucesso, teve seus quadrinhos veiculados em pelo menos sete edições do Estadinho (SANTOS, 2014a). Mas isso se intensificou-se expressivamente no período entre 1984 e 1987, não só pelo estreitamento dos laços entre os novos editores e as crianças leitoras, mas também pela valorização da expressão infantil, fazendo com que o suplemento criasse uma nova sessão reservada para os materiais enviados pelos leitores, que em 1986 recebeu o nome de “Espaço da rapaziada”.

Valorizar o período da infância foi, para os editores do Estadinho, uma forma de criticar o mundo adulto, bem como questionar algumas atitudes comuns na sociedade da época.

4 – CRÍTICA AO MUNDO ADULTO

Nos editoriais é possível notar certa resistência ao mundo adulto. Em algumas edições o texto sugere que há algum tipo de injustiça nas atitudes dos adultos para com as crianças, como se eles não entendessem as formas de agir e pensar na infância. Um exemplo disso está na edição de 19 de janeiro de 1986, em que lançam uma nova série de reportagens que pretende abordar temas que geralmente são vetados às crianças.

A partir de hoje, o Estadinho começa a publicar uma série de reportagens sobre assuntos que geralmente os adultos dizem que não é coisa para criança. Alguns adultos, né. Porque tem aqueles que já descobriram que criança não é boba, sabem que a gurizada é bem esperta. (Trecho do editorial da edição de 19/01/1986).

Nesta edição, o tema abordado é o ritmo musical “Rock”, que era um movimento que vinha fazendo muito sucesso e estava influenciando os jovens da época. Mas o fim do texto editorial pede sugestões de outros temas a serem abordados nesta série de reportagens, e ainda pergunta o que as crianças acham sobre haver assuntos que são proibidos a elas.

No mais, esperamos que vocês escrevam contando o que é que vocês acham dessa história de um assunto não ser coisa para criança, contando o que é que vocês acharam da matéria sobre rock, e principalmente mandando sugestões de novos assuntos que vocês gostariam de ver publicados nessa série. Divirtam-se. (Trecho do editorial da edição de 19 de janeiro de 1986).

Em vários momentos O Estadinho também infere que os adultos, bem como a sociedade em geral, têm certos deveres para com as crianças, e que muitas vezes isto é esquecido. Entre eles, o cuidado, o respeito e a proteção, que só seriam oficialmente estabelecidos como direitos da criança na década seguinte. Na edição de 09 de fevereiro de 1986, o editorial fala sobre as férias de verão e questiona se as crianças estão frequentando as praias em segurança, responsabilizando o adulto pela saúde e integridade delas, como podemos ver no trecho a seguir:

Esperamos que você escreva para o Estadinho contando tudo o que está fazendo e tudo o que está achando das férias de verão. Será que estão respeitando os lugares que as crianças têm direito? Tem onde brincar? Tem banheiro? Tem lugar com sombra? Depois os adultos ficam reclamando que as crianças só sabem ficar doentes, com desidratação, com bicho-de-pé, micose, resfriado. Mas será que o pessoal está pensando em como proteger a rapaziada disso tudo? Uma das coisas que mais

assustou o pessoal da reportagem foi o número de crianças perdidas. Volta e meia tem uma mãe apavorada procurando seu filho ou uma criança chorando sem saber onde estão seus pais. E não é fácil achar alguém no meio daquela multidão toda. Tá aí uma coisa que o pessoal da prefeitura e da Secretaria de Turismo deveria olhar com mais carinho. (Trecho do editorial de 09 de fevereiro de 1986).

Em textos como este O Estadinho assume uma concepção de infância em que a criança é um sujeito de direitos e deveres. E ainda que, é dever do adulto e da sociedade garantir as condições para que esses direitos e deveres possam ser cumpridos.

Para esta análise, é importante lembrar que o ano de 1979 foi proclamado pelas Nações Unidas (ONU) como o Ano Internacional da Criança, e nos anos seguintes muitos pesquisadores, educadores e órgãos políticos dedicaram-se a estudar e discutir os temas acerca da infância, durante toda a década de 1980, gerando políticas para a infância que se consolidaram, principalmente, na década seguinte, marcada pela proclamação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990 (D'AFONSECA, 2006). Pela primeira vez, a criança era reconhecida legalmente de forma mais enfática como parte da sociedade em que vive, e não só como produto, mas também como produtora de cultura. Afinal,

A consideração das crianças como atores sociais de pleno direito, e não como menores ou como componentes acessórios ou meios da sociedade dos adultos, implica o reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas. (SARMENTO; PINTO, 1997, p. 07).

Muito antes, portanto, do debate sobre uma “Pedagogia da infância”, os editores do Estadinho demonstravam algo em comum com essa perspectiva depois desenvolvida no campo da Educação, e esforçavam-se para disseminá-la.

Neste contexto em que o Brasil passava por “um momento de gradual recuperação do direito a ter direitos” (D'AFONSECA, 2006, p. 8), criança e adolescente também tinham de ser incluídos neste processo. Na edição comemorativa do dia da criança, em 12

de outubro de 1986, O Estadinho trouxe a *Declaração Universal dos Direitos das Crianças*, que foi publicada pela Organização das Nações Unidas, em 1959. Mas não apenas apresentou a carta, como reescreveu os direitos de forma que as crianças pudessem entender, ressignificando-a e fazendo uma crítica à linguagem utilizada no documento oficial: “parece que foi feito mais pra gente grande do que pra criança.”(Estadinho, 12 de outubro de 1986). Neste editorial aparece uma explicação breve e simples sobre o que é a ONU, e fala sobre a importância das próprias crianças conhecerem seus direitos para que possam exigir que sejam respeitadas.

DIREITO Nº 1

Toda criança tem direito a se divertir e brincar com quem quiser, a hora que quiser. Só não pode ser de madrugada porque não vai ter ninguém pra acompanhar. A criança que deixa de brincar quando ainda é criança, fica gente grande muito cedo, e também muito chata. (O Estadinho, 12 de outubro de 1986).

Já no primeiro direito apresentado há muitas ideias importantes. Primeiramente, o Estadinho está assumindo a brincadeira como uma atividade inerente à infância e reconhecendo sua importância no desenvolvimento infantil, colocando o adulto como responsável pelo acompanhamento desta atividade. Além disso, há sinal da resistência ao mundo adulto. Afirmando que a criança que não brinca fica grande muito cedo, sugere que a infância deve ser plenamente vivida em seu tempo, propondo uma preservação desta etapa da vida.

No segundo direito reescrito por O Estadinho, aparece novamente um indício de valorização do pensamento e da expressão infantis.

DIREITO Nº 2

Toda criança pode fazer qualquer pergunta. Elas devem ser ouvidas sempre. Têm direito de falar o que desejar e até de dizer bobagens. Gente grande que não ouve criança, não sabe de nada. (O Estadinho, 12 de outubro de 1986).

Este trecho supõe que muitas vezes os adultos ignoram a opinião das crianças, subestimando suas ideias. Além disso, sugere que a criança realmente ainda não sabe certas coisas, portanto diz “bobagens”, mas que isso não pode impedir que ela se expresse. Pelo contrário, têm direito ao esclarecimento a partir do momento em que se reconhece sua legítima capacidade de fazer perguntas.

Em muitos outros textos do Estadinho, há presente uma ideia de que as crianças talvez vivessem em uma situação de opressão exercida pelos adultos. O editorial de 02 de março de 1986 comenta sobre um texto que fora publicado na capa da mesma edição, escrito por Fábio Brüggemann. Trata-se de uma pequena história em que uma criança inverte seu papel com seus pais, reclamando que eles não a obedecem mais. O editorial comenta o seguinte:

Uma história ótima na capa (acho que a esta altura vocês já devem ter lido), onde as coisas se invertem. Uma criança faz o que os adultos fazem e os adultos sofrem como se fossem as crianças. Uma história legal pros pais lerem também, não acham? (O ESTADINHO, Editorial de 02 de março de 1986).

Quando os editores dizem que “sofrem como se fossem as crianças”, estão inferindo que as crianças sempre vivem uma condição de oprimidas. Além disso, quando sugere que é um texto “legal para os pais lerem”, mostram uma pretensão de conscientizar e sensibilizar os adultos sobre essa condição infantil.

A ideia da criança oprimida pelo adulto aparece mais uma vez na edição de 16 de março de 1986. Nesta ocasião, o editorial comenta que algumas vezes, quando uma criança não conhece uma palavra ou assunto, os adultos se negam a esclarecer suas dúvidas, ou acabam por “enrolar” a criança com respostas mal elaboradas. Para tentar ajudá-las, O Estadinho publicou na página central um dicionário, com explicações sérias e outras de brincadeira, para que as crianças pudessem retrucar seus pais quando lhes negassem alguma explicação. Isto propõe não só uma crítica aos adultos, mas também um enfrentamento direto.

É possível observar, a partir disso, mais uma vez, a crítica à infantilização da criança. O sujeito que está na condição infantil, muitas vezes é excluído da vida social. É como se as crianças vivessem num universo separado, em que alguns assuntos e atividades da vida cotidiana são banidos, são-lhe proibidos. Como se as crianças só pudessem se preocupar com as questões diretamente ligadas a si.

Pouco a pouco O Estadinho vai se colocando como um espaço de resistência a essas injustiças e ao mundo adulto. Em 27 de abril de 1986 a capa do jornal diz explicitamente “Proibido para adultos que não entendem o que as crianças sentem”, seu editorial incentiva as crianças a esconderem O Estadinho de seus pais e vizinhos. Em 28 de setembro do mesmo ano, o editorial assume que “O Estadinho é um jornalão pra rapaziada que não gosta de jornal de gente grande.”

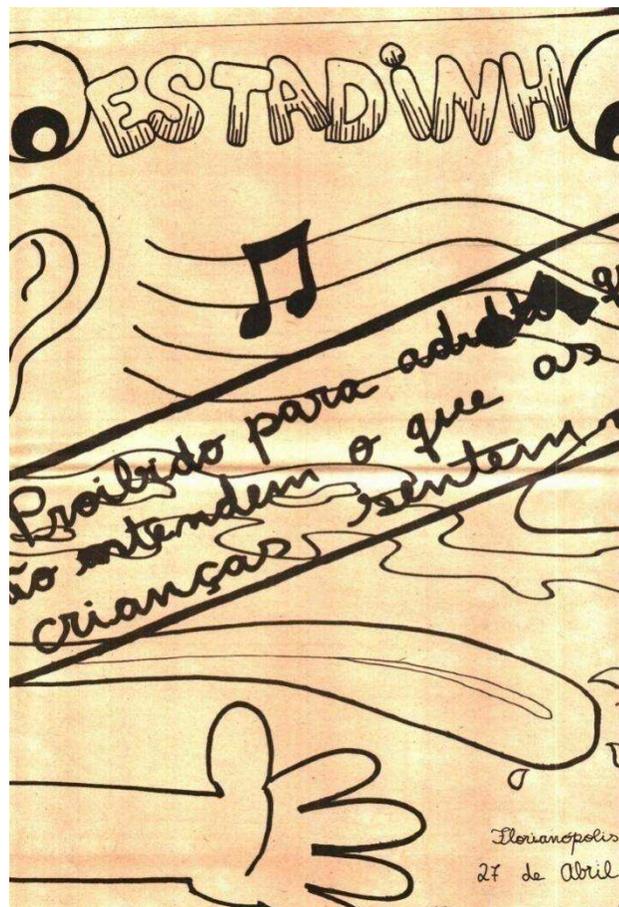


Figura 6 – Capa da edição de 27 de abril de 1986

Assumindo que a criança faz parte da sociedade e que tem o direito de saber e participar das questões sociais, o Estadinho se estabelece como um canal de comunicação entre a criança e a cidade.

5 – A CRIANÇA E SUA CIDADE

Walter Benjamin, em suas reflexões acerca da vida nas cidades (1987), propõe que o jornal, como expressão da Modernidade, de alguma forma suprime a imaginação dos leitores na medida em que o texto jornalístico muitas vezes é mais informativo do que literário. Sendo assim, a substituição da narrativa pela informação minimizaria a relação do leitor com a experiência que deveria ser transmitida no texto. Porém, O Estadinho vai na contramão deste pressuposto e faz uma tentativa de aproximar as crianças das questões sociais, criando nelas um sentimento de pertencimento e participação, por fim, ampliando a experiência da relação da criança com a cidade.

Além disso, O Estadinho, em vários momentos, incentiva as crianças a desenvolver um pensamento crítico. Isto fica explícito na publicação de 14 de julho de 1985, quando dizem comemorar o Dia Internacional da Liberdade de Pensamento. Nesta edição, o editorial convoca as crianças a pensar e expressar o que quiserem, pois todos têm este direito. Este tema, a liberdade de pensamento e expressão, é, provavelmente, muito caro aos jovens da época pelo contexto histórico que viviam. O País passava pelo momento de abertura política. Os editores d'O Estadinho cresceram durante a ditadura cívico-militar, quando muitos de seus direitos lhes eram vetados. Portanto, é compreensível este incentivo à valorização da liberdade de pensamento e expressão, que há pouco vinha sendo reconquistada.

Mas os jovens editores foram mais longe. Não apenas incentivaram as crianças a pensar criticamente, como também incitaram-nas a intervir no meio em que viviam. O Estadinho, desde o começo desta época, perguntava aos pequenos sobre os problemas de seus bairros, de sua cidade etc. Apresentava-se como um suplemento que não se pretendia apenas entretenimento, mas também fonte de informação e espaço para debater

e discutir soluções para os problemas cotidianos. Na edição de 12 de janeiro de 1986, há um incentivo às crianças a se preocuparem com o meio ambiente e com a cidade. Além disso, pela primeira vez, o jornal fala com elas sobre política. Pergunta o que entendem por constituinte, que era um assunto muito falado na época, mas ao qual as crianças possivelmente não tinham acesso, se não por ouvir falar na televisão. Neste mesmo editorial, há ainda um recado de que não adianta ficarmos apenas no discurso, é importante agir:

(...) é como a história de 86 ser a o ano internacional da paz, se a gente ficar só falando que o mundo precisa de paz, que deve existir mais amor, não vai adiantar nada. A gente tem é que agir, que fazer alguma coisa pra que essas coisas realmente aconteçam. (O ESTADINHO, editorial de 12 de janeiro de 1986).

Temas políticos são abordados novamente na edição de 23 de março de 1986. Como parte da série de assuntos que “não são para crianças”, no editorial é anunciado que na página central há uma breve explicação sobre a Assembleia Constituinte, sobre o novo pacote econômico (Plano Cruzado), e sobre a Reforma Agrária três temas extremamente importantes no contexto da época. O país passava por um processo de abertura política e democratização e, pela primeira vez em anos, a sociedade civil e os políticos civis protagonizavam a cena política do Brasil (KINZO, 2001). O Estadinho se preocupou em explicar para as crianças o contexto histórico em que estavam inseridas, considerando que elas também fazem parte da sociedade e compartilham, portanto, o direito de participação.

Também em 26 de outubro de 1986, O Estadinho publica uma edição em que o tema principal são as leis. Fábio Brüggemann e Helô Reinert (convidada) escrevem um texto publicado na página principal do suplemento, chamado “As novas calças do Brasil”, que fala sobre a eleição para a Assembleia Constituinte. Explica como funcionaria a eleição dos representantes políticos e para que servem as leis. Além disso, incentiva as crianças a participar ativamente de todo o processo, conversando sobre o assunto, indo votar com seus pais e ainda mandando sugestões para a nova Constituinte, as quais o Estadinho encaminharia para os responsáveis, os políticos em Brasília.

Algumas coisas são confusas e precisam ser esclarecidas. A constituição é uma lei que serve de base. As outras mais explicadinhas, que tratam de assuntos separadamente, serão feitas de acordo com o que a Constituição mandar. No caso das crianças ocorre o seguinte: Se a constituição exigir que haja uma lei que trate todos os direitos das crianças, essa lei deverá ser feita. Mas primeiro vem a constituinte. Bem, já deu pra ver que seus pais, tios e avós, têm uma grande responsabilidade ao votar. São eles que vão escolher aqueles que farão as novas calças do Brasil.

Se você quer dar algumas sugestões para a nova Constituinte, já que criança não vota, é só escrever no espaço que está aí embaixo e remeter o mais breve possível, antes que a eleição aconteça. Todas as sugestões que chegarem, mandaremos para os responsáveis em Brasília. Publicaremos também, uma edição especial com todas as sugestões.

De todas as pessoas, quem mais vai aproveitar esta nova constituição, são as crianças, por isso é importante que você participe. (Trecho da matéria publicada por Fábio Bruggemann e Helô Reinert na edição de 26 de outubro de 1986).

Neste último parágrafo os autores se importam em explicar que as crianças deveriam pensar sobre essas questões políticas porque futuramente elas é que seriam afetadas diretamente por essas leis.

Em relação à infância, como já se pôde perceber até agora, O Estadinho estava na vanguarda. Já reconhecia a criança como sujeito de direitos e como cidadã antes mesmo disso ser reconhecido por Lei. Só em 1989, com a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança⁵, é que os famosos 3 Ps (Provisão, Proteção e Participação) se consolidariam como políticas para a infância. Em suas publicações O Estadinho já dizia exatamente isso, que é de responsabilidade dos adultos a provisão e a proteção das

5 A Assembleia das Nações Unidas aprovou em 20 de novembro de 1989 a Carta Magna da Convenção sobre os Direitos da Criança. Em 1990 este documento é oficializado como lei internacional, que visa a proteção de crianças e adolescentes de todo o mundo.

crianças, e ainda que, mesmo sendo crianças, elas têm o direito de participar e interferir no meio em que vivem na medida de suas possibilidades.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A bolsa de Iniciação Científica foi uma das melhores experiências formativas que a Universidade oportunizou durante a graduação. Escrever o Trabalho de Conclusão de Curso sobre um assunto que já estudo há um ano e meio facilitou o processo, pois o tempo reservado para esta etapa na grade curricular é muito curto para desenvolver uma boa pesquisa. Acredito que mais estudantes deveriam ter a oportunidade de conhecer os processos de investigação, participar dos grupos de estudos e conhecer tantas pessoas e suas tantas pesquisas na área da Educação. Com certeza este período foi o mais rico em experiências formativas e contribuiu enormemente para o prosseguimento de minha jornada profissional, seja na área acadêmica ou na prática do magistério.

Quando o professor Alexandre Vaz apresentou a ideia de estudar o Estadinho, achei interessante, pois sempre tive afinidade com a área do jornalismo. Já conhecia alguns materiais impressos dedicados às crianças por ter trabalhado alguns anos com revistas e periódicos. Exatamente por este motivo, O Estadinho muito me surpreendeu. Nada que eu conhecia poderia ser comparado com a seriedade e o respeito que esse suplemento dedicou à infância. Além disso tudo, como não sou nativa daqui, tive a oportunidade de conhecer um pouco sobre a história da cidade de Florianópolis, entender algo sobre o crescimento e a modernização da cidade, bem como o lugar da criança nesses processos.

Apesar das profundas cicatrizes deixadas pela Ditadura Cívico-militar, estudar qualquer assunto dentro do contexto histórico da reabertura política e redemocratização do país é gratificante por despertar um tipo de esperança contagiante. Estudar as memórias deste período dá a sensação de que os atores daquela cena realmente acreditavam na possibilidade de progresso humano e social. Os editores d'O Estadinho,

segundo penso, faziam parte dessa geração de sonhadores. Mas eles não ficaram apenas no sonho, e tendo acesso a um dos maiores meios de comunicação do estado naquela época, disseminaram seus ideais e contribuíram para a formação de sujeitos críticos, isso sem contar o pioneirismo em suas ideias acerca da infância e a forma de lidar com as crianças.

Hoje não conheço nenhum material impresso criado para as crianças que as levem tão a sério. Nas bancas de revistas vê-se uma tentativa forçada de criar entretenimento infantil, e as revistas destinadas a este público acabam vendendo mais pelo atrativo de um brinde qualquer do que pelo conteúdo da publicação. Concordo com a observação de Benjamin:

Trata-se do preconceito de que as crianças são seres tão distantes e incomensuráveis que é preciso ser especialmente inventivo na produção do entretenimento delas. É ocioso ficar meditando febrilmente na produção de objetos – material ilustrado, brinquedos ou livros – que seriam apropriados às crianças. (BENJAMIN, 2009, p. 57).

O Estadinho se dedicou a criar entretenimento para as crianças de forma bem singela. Suas publicações falavam sobre o cotidiano e sobre assuntos que faziam sentido para as crianças por fazerem parte da realidade delas, e com tal seriedade que as colocavam numa posição de igualdade aos adultos, salvo pelas peculiaridades desta etapa da vida. Os editores de O Estadinho durante esse período consideravam que as crianças são sujeitos de direitos, com capacidade suficiente para exercer cidadania e com voz para se expressar e interagir com o meio em que vivem. Sendo assim, a negação disso faz válida qualquer crítica a uma possível opressão sofrida pelas crianças.

7 – REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. Verbo Ser. In: ANDRADE, Carlos Drummond. *Menino Drummond*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BENJAMIN, Walter. História cultural do brinquedo. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas vol. I: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

BENJAMIN, Walter. Brinquedo e brincadeira. In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas vol. I: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas vol. III*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. Livros Infantis velhos e esquecidos. In: BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Editora 34, 2009.

BUDDE, Leani. *Jornadas Impressas: O ESTADO e Florianópolis– 1985 a 2009* [tese]. Florianópolis: UFSC, 2013.

D'AFONSECA, Vanessa da Cunha Prado. *Sobre Educação e Política*. [dissertação]. Florianópolis: UFSC, 2006.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: O que é o esclarecimento? In: KANT, Immanuel. *Textos Seletos*. Tradução Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

KINZO, Maria Dalva. Democratização Brasileira: um balanço do processo político desde a transição. *São Paulo em Perspectiva*, vol.14, nº4, 2001.

MAINGUÉ, Aldy. Florianópolis, 2014. Entrevista concedida a Gabriela Acerbi Pereira e Laís Elena Vieira.

NASPOLINI, Marisa. Florianópolis, 2013. Entrevista concedida a Gabriela Acerbi Pereira e Laís Elena Vieira.

RODRIGUES, Marilda Merência. *Pró-Criança: Uma política pública para a infância catarinense?* [tese]. Florianópolis: UFSC, 2001.

SANTOS, Luciana Mara Espíndola. Narrativas de crianças em O Estadinho (1972). In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2014, Rio de Janeiro. *Anais do VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica*. Rio de Janeiro, 2014a (no prelo).

SANTOS, Luciana Mara Espíndola. O jornal “O Estado” de Santa Catarina e as brincadeiras impressas (1972 – 1979). In: ISEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 2014, Florianópolis. *Anais do II S Eminário Internacional de História do Tempo Presente*. Florianópolis, 2014b, UDESC, Programa de Pós graduação em História. Disponível em <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/tempopresente/paper/viewFile/133/72.>>
_Acesso em: 28/10/2014

SARMENTO, Manuel José; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: Definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, Manuel José; PINTO, Manuel(Coords.). *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 1 de setembro de 1974.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 16 de abril de de 1975.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 30 de junho de 1985.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 07 de julho de 1985.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 14 de julho de 1985.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 22 de setembro de 1985.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 29 de setembro de 1985.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 12 de janeiro de 1986.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 19 de janeiro de 1986.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 9 de fevereiro de 1986.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 2 de março de 1986.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 16 de março de 1986.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 23 de março de 1986.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 27 de abril de 1986.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 21 de setembro de 1986.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 28 de setembro de 1986.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 12 de outubro de 1986.

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 26 de outubro de 1986

O ESTADINHO. Florianópolis, ed. 19 de abril de 1987.

OLIVEN, Ruben George. Cultura e modernidade no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, vol. 15, nº 2, 2001.

VALENTE, César. Florianópolis, 2013. Entrevista concedida a Gabriela Acerbi Pereira, Laís Elena Vieira e Alexandre Fernandez Vaz.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VOMERO, Maria Fernanda. Vida de Foca. *Revista Imprensa*; 1998 Jul. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/20041022-vida_de_foca.shtml